

# Stadium

N.º 317

29 de Dezembro de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Foto AMADEU FERRARI



## A HOMENAGEM A MARIANO AMARO

Mourão, tendo a seu lado Soeiro, dois homens da linha nacional de 1942, abraça o famoso internacional belenense, a quem todo o público ovacionou também largamente

# MARIANO AMARO

## viu-se rodeado de gestos da mais alta camaradagem e solidariedade

**B**RILHANTE, brilhante, brilhante — a festa de homenagem a Mariano Amaro! A volta do popular jogador, capitão dezenas de vezes do seu «team» de clube, jogador inesquecível na equipa dos Belenenses e na selecção nacional, reuniram-se valiosas e comovedoras colaborações. A sua festa foi um consolo para os que acreditam ainda nas virtudes do desporto. Festa de solidariedade, de camaradagem. A ela se associaram antigos jogadores — esse simpático Sport Lisboa e Saudade, que é um símbolo! — árbitros em actividade ou já retirados; clubes de grande nomeada — lá estavam o Benfica e o Sporting — clubes modestos, como são os de Alfama, bairro onde Amaro viveu, cresceu e vive, na frase oportuna de Lança Moreira; dirigentes; as entidades oficiais — louvando publicamente Mariano Amaro; o público, desde que frequenta a bancada e tem voz activa na vida dos clubes, até ao público anónimo, o público do «peão», do lance debaixo do braço, sempre generoso.

Houve aspectos lindos na festa de Amaro. Vimos os jogadores Cardoso e Francisco Ferreira, à porta, vendendo bilhetes... Vimos os rapazes dos jornais, o Manuel Dias, vendendo «plaquettes» dedicadas a Amaro, com a sua biografia escrita pela pena autorizada de Ricardo Ornelas; vimos que os vendedores de almoçadas prescindiram do seu lucro em benefício de Amaro; vimos que toda a gente pagou o seu bilhete...

Vimos... Vimos uma festa linda. Uma festa à altura daquilo que Mariano Amaro merecia. Pelas suas qualidades de desportista e de jogador. Pelo infatigável que o atingiu.

Depois do primeiro desafio alinharam em frente das bancadas todos os «teams» que tomaram parte na festa: Benfica e Belenenses, que tinham acabado de jogar; Sport Lisboa e Saudade e selecção nacional de 1942 (vencedora da Supa por 3-0) que iam defrontar-se; Sporting e Selecção de Candidatos, formada pelo seleccionador nacional dr. Armando Sampaio, que encerrariam o programa com chave que se esperava fosse de ouro. E foi — em parte!

Amaro desceu ao campo, acompanhado pelos elementos da comissão executiva da homenagem. Distribuiu medalhas, abraços e sorrisos de reconhecimento. Recebeu prendas valiosas de diversas entidades. A Federação, pelos seus dirigentes srs. drs. Faço Viana e António José de Melo e capitão Maia de Loureiro, não deixou de comparecer para felicitar e homenagear Mariano Amaro. E outros dirigentes compareceram também — da Associação de Futebol de Lisboa, dos clubes...

E presidindo a este acto, por vezes comovedor, o sr. coronel Sacramento Monteiro, illustre director ge-

ral dos desportos, que dias antes assinara justo louvar a Amaro.

O dr. Octávio de Brito, presidente dos Belenenses, discursou. Palavras de apreço por Mariano Amaro, pondo em relevo a sua dedicação clubista, o seu esforço sempre generosamente dispendido, a sua fé, a sua indomável energia de bom belenense — e bem portuguesa...

E a cerimónia terminou com o público a aplaudir longa, calorosamente, o grande jogador. Palmas e palmas, vivas e vivas... E no final Amaro saiu do campo passando por entre filas de jogadores e acompanhado por esse outro grande jogador que se chama Artur de Sousa, mas a que o público nunca mais deixará de chamar «Pinça!»

Disputaram-se três jogos, com estes resultados:

Benfica-Belenenses 1-1  
Selecção de 1942-S. L. e Saudade 3-1  
Sporting-Seleção de Candidatos 4-3

O Benfica recebeu das mãos de Amaro a taça com o seu nome. Gesto de gentileza bem belenense...

Os três desafios foram presenciados por milhares de pessoas. Tudo cheio. No «peão» não havia lugar para um alfinete... Uma tarde esplendorosa, depois de uma semana de chuva. O bom Sol português também quis associar-se à festa de Amaro!...

Repetimos: festa linda, comovedora. A mais bela homenagem até hoje prestada em Portugal a um jogador de futebol. Um jogador que, aliás, fez tudo por merecê-la.

Benfica e Belenenses efectuaram o primeiro jogo. O desafio teve pouco interesse. Os dois grupos apresentaram-se desfalcados de algumas unidades — em boa verdade nunca se sabe quando é que o Benfica apresenta o seu «team» certo... — e a partida ressentiu-se desse facto. O primeiro quarto de hora teve ainda lábios de interesse. Quanto mais não fosse porque se marcaram os dois golos. Primeiro o dos «zeus», pelo jóven Aires Martins; depois o dos «encarnados» por Arsénio.

Os ataques dos dois grupos ficaram por aí. O Belenense, sempre mais perigoso, desperdiçou muitas oportunidades. Quando perdeu o concurso de David, lesionado, já podia estar folgado vencedor. A partir desse momento os papéis invertiram-se. Passou o Benfica a deminar, a criar e a desperdiçar ocasiões de golo, constantemente, enervantemente... Falta de serenidade, sim. Mas também, pelo menos num lance, falta de sorte... Corona teve nos pés a vitória. Perdeu-a com um remate ao poste, dado nesta situação: só ele, Corona, em frente das rédeas...

O desafio entre o Sport Lisboa e a selecção de 1942! Que de recordações este jogo avivou... Os «brancos» — os da selecção — venceram. O resultado, de resto, pouco interessava. Só interessava o gesto altruista,

de verdadeiros desportistas, de excelentes camaradas. Viram-se interessantes fases. O público aplaudiu lances de Pinça, remates de Valadas, defesas de Martins, golpes de Carlos Pereira, «fintas» de Luís Xavier, simpáticos gestos de Pinho e Vítor Hugo...

As equipas alinharam:  
Selecção — Martins, Cardoso e Leonel; Quaresma, Carlos Pereira e Francisco Ferreira; Mourão, Dr. Alberto Gomes, Peyroteu, Pinça e Rafael.

Sport Lisboa e Saudade — Pedro da Conceição, Pinho e Gustavo Teixeira; Albino e Vítor Hugo; Domingos Lopes, Luís Xavier, Vítor Silva, Guedes Gonçalves e Alfredo Valadas.

Depois outros jogadores apareceram; Pedro Pirez e Soeiro, na selecção, substituindo Peyroteu e Francisco Ferreira, Germano Campos no Sport Lisboa e Saudade.

O que foi o jogo? Uma sucessão de imagens, de recordações de um passado não muito distante ainda. Os saudosistas deliraram com os toques primorosos da Pinça — a bola até parece que tem olhos! — e outras jogadas, como as correrias de Soeiro. Os não saudosistas puderam ver como se jogava, apreciar a classe excepcional de um Artur de Sousa, que foi o homem mais notado na selecção.

Feliz ideia a de reunir estes homens!

A arbitragem esteve confiada a uma equipa de veteranos: Carlos Canuto, José Travaços e Manuel Alexandre.

Por último o jogo entre o Sporting e a selecção de candidatos ao «team» nacional.

Sporting — Azevedo, Barrosa, Ismael e Juvenal; Canário e Ibraim; Jesus Correia, Vasques, Peyroteu, Travaços e Martins (ausentes: Manuel Marques, Mateus e Albano).

Selecção — Correla, Virgílio, Elói e Alberto; Armando Carneiro e Daniel; Lourenço, Araújo, Patallino, Vieira e Bentes.

Árbitro: Paulo de Oliveira, com Oliveira Machado e Reis Santos a fiscais de linha.

Excelente primeira parte, do melhor que se tem visto nos nossos campos. Luta vigorosa, sem um deslize, apurada. O Sporting começou fulgurantemente, no seu estilo, rápido e movimentado, variando os lances. Fez um excelente golo, por Vasques, aos três minutos. Depois a selecção entrou a organizar-se melhor. A defesa encontrou colocação, o ataque passou a receber jogo de Armando Carneiro, e por seu turno criou jogo. O trio central exibiu-se magnificamente. E travou-se luta cerrada, sem tréguas, entre o ataque dos candidatos e a defesa de choque, viva e expedita, dos «leões».

Por vezes os candidatos dominavam. Logo o Sporting respondia com descidas sempre perigosas. A selecção empatou, por Araújo. Replicou o

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA ROSA 252-1  
Telefone. 31167 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe de Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de  
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRANUBA, LIMITADA  
SILVAS LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Sportig com o melhor golo da partida: um autêntico «golo à Sporting»! O público começou a vibrar, a aquecer, a puxar pela selecção. O entusiasmo subiu ao rubro quando Lourenço fez 2-2. Palmas que nunca mais acabavam... Parecia que estavam a jogar com os estrangeiros. Com espanhóis, por exemplo...

Mas o Sporting não perdia a calma. Nem o jogo. Suportou a firme reacção dos candidatos com serenidade, com a defesa a brilhar.

Velo a segunda parte. E como foi diferente o jogo das Salésias!... Saíram da selecção Araújo e Patallino, substituídos por Cabrita e Mota. Saíram do Sporting Travaços e Vasques, substituídos por Armando Ferreira e Serra Coelho.

O jogo perdeu interesse. Ausentes três dos melhores avançados portugueses — e ainda haverá quem duvide! — o desafio baixou sensivelmente. Os «leões», com Peyroteu em lances gigantesco, manteve-se mais perigoso durante algum tempo. Depois a equipa quebrou. Cedeu. Visivelmente fatigada. Que ainda na véspera jogara um desafio rijo de campeão. A selecção tomou ascendente, mas deixou-se ir na toada de jogo fechado imposto pela defesa do Sporting. Este marcou aos sete minutos (Peyroteu) e sofreu terceiro empate aos 23 (Vieira). Voltou ao jogo e desempatou a sete minutos do final (Serra Coelho). Ganhou o jogo. Um pouco contra a corrente, talvez. Mas repare-se que, na segunda parte, faltavam na equipa Manuel Marques, Mateus, Travaços, Vasques e Albano! Substituídos por elementos... da reserva. Os da selecção que entraram a substituir Araújo e Patallino chamavam-se Cabrita e Mota.

Os «leões» venceram pela acção da defesa. A «taiz» defesa que não prestava... Azevedo, no vertice, podia talvez ter defendido dois golos. Defendeu outros... E Juvenal voltou a ter acção brilhante.

O jogo pode ter fornecido indicações ao seleccionador. Não o dividamos. Mas não podamos esquecer que houve um momento em que passou pela ideia de toda a gente que teria sido impolítica a realização do desafio... Foi no final da primeira parte, quando o Sporting parecia que estava a jogar... em Bilbao, vamos.

Evidenciaram-se Azevedo, Juvenal, Barrosa, Canário, Travaços, Vasques e Peyroteu, no Sporting. Virgílio, com uma bela tarde, Armando Carneiro, Araújo, Patallino, Vieira e Bentes na selecção.

Podem formar-se, acreditamos, duas boas selecções. A A e a B. E bem precisas são — que Portugal, na presente época, deverá jogar com os «B» da Espanha e da Itália.

MANUEL MOTA

**Stadium**



Meriano Amaro ingressou agora no «trem»... de saúde

## Previsões da 15.ª Jornada

A interrupção de um domingo não chegou para arrefecer o interesse pelo Campeonato Nacional de Futebol. Aliás, para aguçar a expectativa temos já no domingo nada menos que um... Benfica-Belenenses! Não se pode realmente dizer que seja um jogo de novidade, pois ainda há dias assistimos a um embate entre «azuis» e «encarnados», mas isto foi apenas um ensaio...

No Campeonato anterior, o Belenenses foi ao Campo Grande sofrer o único golo da partida. Na 1.ª volta do torneio actual, o Benfica foi às Salésias marcar os dois únicos golos desse desafio. E' arreluíado, sob um prisma azulado, mas foi mesmo assim. Pode ser até que suceda o mesmo no próximo domingo, mas também pode ser que não. A bola é re-

donda e são onze de cada lado... (pelo menos ao começar o jogo, é bom notar) a nossa previsão para a segunda jornada deste Campeonato foi, salvo erro, um empate para o Belenenses-Benfica. Falhou, como é hábito, mas pode ser que bata certa agora. Um «nulo» a duas bolas, por exemplo, não seria coisa de espantar...

**Atlético-Estoril** (resultado no Campeonato anterior: 2-2. No torneio actual: 1-3) — Quedamo-nos perplexos ao sentirmo-nos na obrigação de formular um vaticínio para o desafio da Tapadinha! (aliás, sucede-nos isto com todos). O Estoril anda alimentando sérias esperanças em vestir a cobiçada «camisola amarela» — mas a outra, a simbólica!... E' talvez o favorito. Mas temos as nossas dúvidas. O Atlético não se conforma em levar a pior com uma equipa, à primeira vista da sua igualha, mas que trata os «Grandes» por tu... Daí a nossa hesitação. Prevemos uma vitória pela tangente a favor... de um deles! Não sabemos, francamente!

**Lusitano-Sporting** (1-4/1-7) — A série de jogos entre «papá-Sportings» e «Benfica-juniors» começou por números muito elevados (12-0) mas vão diminuindo gradualmente... Nós acompanhamos este ritmo, vaticinando uma vitória aos campeões nacionais «6» por 3-1...

**F. C. Porto-Boavista** (5-1/5-1) — Os «salvi-azuis» andam de mau humor, porque as coisas não lhe têm corrido nada bem. E depois com esta tendência dos 5-1... Os «xadrezados» devem acautelar-se. A questão da «lanterna vermelha» não está afinal tão má

(Continua na página 7)

## O 3.º GRANDE PREMIO DO NATAL

O Sporting Clube de Portugal e o nosso colega «A Bola» podem legitimamente orgulhar-se do êxito desportivo e popular da sua iniciativa e, também, da esplendida organização que souberam levar a cabo.

Começando à hora pré-estipulada, prosseguindo rigorosamente com intervalos de um quarto de hora, da primeira à quinta corrida tudo decorreu na melhor regularidade, com permanente interesse e crescente entusiasmo.

Pena foi que os organizadores não tivessem visto coroado de êxito a sua tentativa de internacionalização da prova, complemento indispensável da magnífica obra de propaganda que de há três anos vêm desenvolvendo.

O Grande Prémio do Natal reuniu este ano, nas seis categorias, cêrca de centena e meia de concorrentes, sendo a prova dos Populares a mais concorrida; nas competições entre filiados não assistimos desta vez apenas ao clássico duelo Sporting-Benfica, pois o Belenenses interveiu com autoridade na contenda, conseguindo impôr-se em duas categorias. Caso para felicitações e regozijo.

O clube que mais triunfos colheu foi o Sporting, com três vitórias colectivas e três individuais; o Belenenses obteve duas vitórias colectivas, o Benfica e Pontével uma individual, cada. Os clubes não filiados vencedores foram ambos provincianos: Alhandra e Torres Vedras.

Apreçiemos sucintamente cada uma das provas de per si:

**Veteranos:** nove homens à partida, todos nove à chegada. Raul Oliveira tomou a cabeça logo de início e desceu em passo impressionante a Avenida Fontes, rondando a estátua do Marquês de Pombal bem distanciado de Felix, o único que ainda o perseguia. Oliveira presumira demasiado das suas forças, a passada começou a encurtar e por alturas do Parque Mayer era ultrapassado por Felix, mais resistente e preparado e ainda por Marcelino Ferreira, no cruzamento da Rua das Pretas.

O tempo do vencedor, 6 m. 57,6 s., excede de três décimos o de Tiago Ribeiro no ano passado. O Sporting foi o único clube a alinhar uma equipa.

**Populares:** quando o pelotão numeroso começou a desfazer-se, por alturas da Praça do Saldanha, ficaram à cabeça três homens, os três que primeiro vieram cortar a meta, seguidos pelo pelotão compacto dos cinco representantes de Torres Vedras, que fizeram excelente prova de conjunto. Armando Gomes comandou até entrar na Avenida da Liberdade, onde Atílio Vieira começou a distanciar-se. O vencedor gastou 10 m. 30 s., recorde da categoria, e é um corredor experimentado, que desde há três anos tem ganho títulos nas provas de fundo dos campeonatos da FNAT.

Deixou-nos muito boa impressão o segundo classificado, Armando Freitas: boa estampa, passada, naturalmente fácil e descontrada.

**Iniciados:** para ajuizar do valor desta corrida basta saber-se que os cinco primeiros chegados bateram o antigo recorde da categoria. Aguiar, Cantante e Afonso vieram agrupados até final e o benfiquista, depois de ter parecido em dificuldade a quinhentos metros da meta, recompoz-se e veio a ganhar bem na embalsagem. O tempo de Fernando Aguiar foi de 10 m. 18,2 s. e o Sporting, classificando a seguir cinco homens alcançou expressiva vitória de equipa.

**Principiantes e juniors:** as duas categorias correram em comum. Carvalho, Claudino, e o belenense Rodrigues tomaram a cabeça; Aquiles Vieira partiu cautelosamente, mas com o início da descida começou a aproximar-se dos primeiros, que alcançou na Rotunda, quando Carvalho lançava o seu ataque decisivo. Aquiles foi o único principiante a encaixar-se no grupo conductor, entrando terceiro na meta, com o tempo de 16 m. 29 s., que nos não parece ser recorde, como foi anunciado, pois Fernando Carvalho (este ano vencedor em juniors) gastou, em 1946, 16 m. 27 s.

Fernando Carvalho, com 16 m. 17 s. ficou senhor de segundo recorde, o da categoria dos juniors.

O Belenenses conseguiu duas belas vitórias de equipa nestas categorias, metendo cinco homens nos onze primeiros chegados.

**Seniores:** a prova principal proporcionou bom triunfo a Afonso Marques, que se apresentou convenientemente preparado, batendo o recorde com 21 m. 27 s.

Ao chegar ao Campo Grande vinham à frente os quatro homens do Sporting, acompanhando-os Rodrigues e seguidos a vinte metros por Guedelha, Araújo e Nogueira. Este foi o primeiro a ceder, depois Rodrigues e quase a seguir Guedelha, acusando uma pontada; assim Araújo ficou isolado na perseguição aos «deuses».

Na passagem pelo viaduto de Entre-Campos, Conde descolou dos companheiros, o mesmo sucedendo a Filipe Luís no Campo Pequeno.

Afonso nunca abandonou o comando, levando Quaresma na cola e assim foram até final, enquanto Araújo, voluntarioso e persistente conseguiu avançar até ao terceiro posto.

Salazar Correia

## MANUEL MARQUES

Encontra-se de luto, por falecimento de seu pai, este nosso prezado amigo e excelente jogador do Sporting. A Manuel Marques e sua família, envia Stadium sentidos pêsames.



ma bela equipa do Belenenses — Amaro, 1.º da direita, era o seu capitão. Deste grupo tiram todos os elementos do ataque — Mário Coelho, Eloi, Armando, Quaresma, José Pedro, e Rafael. Capela e Gomes, da defesa



Amaro, no seu estilo está entre Ben Barek e Feliciano num jogo Portugal-França

# A VIDA de MARIANO Amaro

## CONTADA POR ELE E ESCRITA POR PITTA CASTELEJO

VI

As discrepâncias de critérios, existentes antes do encontro, haviam deixado de subsistir.

Não se envaideceu, Mariano, com os elogios recebidos e prometeu a si próprio, continuar, com mais afinco e persistência, se possível, a preparação até ao seguída.

Reconhecia em Gaspar Pinto, um esplêndido jogador, digno de alinhar na equipa nacional e, portanto, um «adversário» de respeito.

No bairro em que nascera, os antigos companheiros promoveram uma festa em sua honra, para assinalar a sua entrada no número dos «consecrados». Nessa noite, durante o baile, não teve mãos a medir...

### Desafios «Internacionais» à vista

Durante os encontros do campeonato, manteve a «forma» com regularidade, acentuando-se, cada vez mais, a confiança de que poderia sustentar a sua candidatura ao lugar de médio direito na selecção nacional.

Um dia, por acaso, encontrou o seu antecessor, Raul de Figueiredo (Tamanqueiro) que o exortou a continuar trabalhando, porque reunia excelentes qualidades para ser o titular. Deu-lhe conselhos de amigo sincero, que arquivou na memória e para muito lhe serviram depois.

Como no primeiro mês de 1938 se realizava nova competição en-

tre países, havia que ter cautela, para o ensejo se não perder.

— Preciso de nova selecção para confirmar a primeira, — garantia a si mesmo.

— E, fiel ao seu objectivo, treinava com o maior interesse, cuidando, em especial, dos pormenores de maior valia, daqueles que, poderiam pesar de forma decisiva, se houvesse, como era de prever, confrontos a estabelecer entre vários pretendentes.

Nos momentos de solidão, a dúvida apoucava-o, mas, breve reagia e confiante encarava com optimismo a escolha do seleccionador.

### O III Portugal-Hungria

Com vista a este prêmio de suma importância para as cores nacionais, mestre Cândido indicou os seleccionados, participando o «belenense» do número dos escolhidos.

Não podendo esconder a satisfação que tal facto lhe proporcionou, Amaro, robusteceu de forma definitiva o ânimo e convenceu-se, em absoluto, de que obteria a segunda «internacionalização».

Havia, é verdade, uma sombra... Gaspar Pinto, camarada de valor bem firmado, digno de representar o país pelo que realmente valia; mas... se a formação que actuara em Vigo, na primeira parte, e nos últimos minutos da partida, revelara homogeneidade e capacidade... era certo de que não deixaria de ser experimen-

Partiu para o Estoril, (local escolhido para o estágio) e breve cimentou amizades entre os componentes da caravana, pela lha-neza do trato e feito «agartado». Os colegas mais antigos na equipa, receberam de braços abertos o novo «recruta», tratando-o como se fosse já elemento «velho» no «meio».

Os dias decorreram com rapidez, sem quaisquer preocupações até à véspera do encontro.

Nessa noite, porém, Mariano, dormiu mal. Antes que o sono chegasse — e como ele tardava — começou a tomar vulto a... responsabilidade da primeira pugna internacional, em terra portuguesa.

No dia 9 de Janeiro de 1938, apesar do tempo chuvoso, não deixaram os «ferrenhos» da bola de acorrer às Salésias, em quantidade elevadíssima, para se deliciar com o espectáculo mais popular disputado ao ar livre.

Os médios portugueses, formaram com a mesma constituição de Vigo, ou seja, Amaro, Albino e Carlos Pereira.

A impaciência e o nervosismo do médio direito nacional cessaram aos primeiros contactos com o esférico. E, gradualmente, foi «crescendo», numa regularidade de actuação, que mereceu os mais rasgados elogios dos assistentes e as melhores palavras de apreço dos críticos.

A confirmação do seu valor, do direito que lhe assistia de figurar na equipa portuguesa, não poderia ter sido mais auspiciosa!

Os húngaros revelaram-se «portentos» no domínio de bola e excelentes executantes, mas «frios», excessivamente «frios».

Futebol geométrico, em que a bola girava e o homem mal se mexia. Daí o contraste com a nossa forma de jogar — onde o coração e os nervos, se aliam no desejo de fazer chegar a bola às «malhas» da baliza contrária, sempre que haja possibilidade de «atirar».

O guarda-redes húngaro, tinha um pontapé de saída... que era um caso sério!...

A vitória obtida por 4 tentos marcados e nenhum sofrido, começou a ser festejada... na cabine, enquanto se vestiam; continuou... durante o tradicional banquete e terminou... «quando o dia clareava»...

### Novo jogo contra a Espanha

No fim desse mês, outro desafio, contra a Espanha, — ainda em guerra, — o XIV da série e, portanto, mais um, cujo resultado... não contaria oficialmente.

A mesma fé de manter o lugar, o mesmo anseio de se creditar de exibições convincentes, — germinavam na alma do jogador do «clube da praia», antes do dia «grandes». Contudo... Gaspar continuava a ser uma incógnita... um pesadelo.

No mesmo cenário se «gastaram» os dias de estágio, confraternizando amistosa e sinceramente a «rapaziada», esquecendo as ideologias clubistas, para pensarem, apenas, que eram portugueses e seria nessa qualidade que agiriam frente a «nuestros hermanos».

Na tarde do dia 30, no mesmo campo em que os húngaros foram derrotados, igual sorte coube aos visitantes, pela margem de 1-0, afinal a mesma diferença de uma bola, alcançada em Vigo, dois meses atrás.

Cândido de Oliveira mantivera o trio intermediário do desafio antecedente e, Mariano, mais uma vez, não sofreu «beliscadura» na sua cotação. Lá diz o ditado:... «não há duas sem três». — Estava conseguida a terceira escolha «internacional» consecutiva.

A frente deste forte temperamento de atleta, deste indiscutível valor do futebol português, abria-se um futuro risonho. Os louvores recebidos de todos os lados, não lhe toldaram a serenidade de raciocínio e o equilíbrio de conduta de que até aqui tinha dado provas evidentes.

Manteve o mesmo critério, quanto à sua preparação física, treinou com a mesma assiduidade e persistência. Cada jogo que passava, era mais um passo dado em frente.

Teve jogos fulgurantes e tardes sombrias. É raro, quase impossível, a qualquer atleta, jogar sempre bem, sem erros, sem altos e baixos, — embora esporádicos. A bola é redonda e caprichosa... e muitas e muitas vezes tem «birras», daquelas que... obrigam o seu «senhor» a não ser «amo».

(Continua no próximo número)

Como se deve jogar

# FUTEBOL

POR WILF MANNION

## N.º 2 — Como chutar uma bola em movimento

O avançado-centro Tommy Lawton, provavelmente um dos mais brilhantes jogadores, encantou-me várias vezes com a sua destreza ao chutar uma bola em movimento para a rede.

Recordo-me que, certa vez, em 1947, num desafio "internacional" Inglaterra-Irlanda, realizado em Goodison Park, Everton, este Tommy espantou-me ao conseguir um brilhante golo com o seu método, de então para cá sempre aperfeiçoado.

Stan Matthews, o extremo-direito, driblou a defesa irlandesa naquele estilo em que

não tem imitadores e centrou a bola que, não se tendo elevado para mais de cinco pés, baixou para cerca de 18 polegadas quando se aproximou de Tommy e o avançado-centro dirigiu-a para a rede antes da bola ter tocado o terreno. Foi um golo esplêndido, de um remate perfeito, próprio de um técnico.

É uma prática que todos os avançados devem cultivar até obterem a certeza do momento oportuno para o golpe. Não é muito difícil, mas exige confiança suprema.

Se a bola vem da esquerda, o jogador que a recebe deve

desviá-la ligeiramente para a direita, com o pé direito enquanto o pé esquerdo recua pronto para chutar no momento exacto. O corpo do jogador, no momento do pontapé, deve estar acima da linha da bola. Se for batida acertadamente, a bola não deve levantar-se. Seria perder tempo com a passagem do esférico do pé esquerdo para o pé direito, dando colocação ao adversário.

Evidentemente que a prática contrária aplica-se a uma bola que venha da direita. Isto, naturalmente, significa que os jogadores devem saber dominar a bola com os dois pés. É essencial que o pontapé seja aplicado com segurança e com força, quer pelo pé esquerdo quer pelo pé direito.

Para se conseguir eficiência no emprego de ambos os pés, o jogador deve treinar-se no campo, praticando o pontapé para a baliza de uma distância entre 18 a 25 jardas apenas com o pé que não tem a precisão requerida.

Depois utilizando um parceiro para a passagem da bola de forma que o pé que ele não usa normalmente entre em

jogo, deve praticar diariamente uma hora ou duas durante o período necessário para obter a segurança indispensável. Uma ideia, que agora não é admitida por muitos mas que continua a ser útil: empregar sapatos de solas de borracha no pé que habitualmente chuta, e uma bota no pé que se pretende desenvolver no jôgo.

Mas, uma vez mais deve frizar-se que apenas um trabalho tenaz e uma aplicação constante podem trazer a recompensa que se pretende. Se os aspirantes a jogadores de futebol se consagrarem à prática, como alguns dos mais conhecidos jogadores do "golf", virão em breve a obter resultados, melhorando consideravelmente a sua forma para além mesmo das possibilidades previstas. A prática de uma hora tem sido adoptada pelo australiano Norman von Nida e pelo campeão britânico Henry Cotton. Ambos passam horas do dia corrigindo as suas faltas, e são justamente reconhecidos como dos melhores jogadores de golf do mundo.



Mannion, além de artista da bola, é um mestre consumado. Eis como de ponta a ponta ensina a transportar a bola do pé esquerdo para o pé direito, em fases que não precisam de legenda para serem compreendidas pelo leitor. Aprendam os novos com o grande jogador do team de Inglaterra!

# MASSANO

Valoroso jogador de «O Elvas», confia nas possibilidades da sua equipa e espera ser «internacional» esta época

ELVAS, a histórica cidade fronteiriça — tem, hoje, um nome feito, dentro do futebol português, mercê da valorosa actuação da sua principal equipa no Campeonato Nacional da I Divisão.

Servido por bons jogadores, o «team» do clube alentejano tem obtido, nas várias competições oficiais em que tem tomado parte, uma série de resultados que o impõem como dos mais fortes conjuntos do nosso país.

Entre os seus elementos mais categorizados, Patallino e Massano ocupam um lugar à parte, por terem já evidenciado uma «classe» que salta dos limites da sua região e os projecta entre as «vedetas» do futebol português.

Patallino — um avançado-centro batalhador e oportuno chegou já à internacionalização, envergando a equipa das quinas, no encontro França-Portugal (selecção B), disputado em Bordeus em 1947. E neste capítulo, o excelente jogador foi mais feliz do que

o seu companheiro Massano, pois este, embora convocado várias vezes para prestar provas, nunca foi incluído no team representativo da nação.

É evidente que Massano, pelas suas invulgares qualidades atléticas pelo seu comportamento e, principalmente, porque ainda está «para lavar e durar», pode aspirar, ainda, à consagração que todos os jogadores ambicionam — tomar parte num encontro internacional, como representante do seu país.

Uma das recentes visitas de «O Elvas» à capital e a boa amizade de Severiano Correia — o diligente treinador da equipa — deu-nos a esperada oportunidade de ouvir Manuel Lourenço Sanches Massano.

Logo ao primeiro contacto, apercebe-nos de que estamos na presença de um rapaz modesto, sem grandes exteriorizações, certo do que vale, mas sem a preocupação, aliás tão corrente de diminuir os outros para realçar os próprios méritos.

Em frases rápidas, consistentes, Massano colocou-me a par da sua «história».

— Tenho 26 anos e comecei a praticar futebol há cerca de dez no extinto S. L. e Elvas Na época de 1940-41, «dei um salto» a Portalegre representando oficialmente o Desportivo Portalegrense. Porém, em breve voltei ao ponto de partida... Depois veio a fusão, e eis-me no «Elvas», onde me sinto excelentemente e onde, terminarei a minha carreira.

A uma nova pergunta, Massano responde com entusiasmo.

— Embora já tenha jogado várias vezes, a extremo-direito prefiro o meu lugar de interior por se adaptar melhor às minhas características de praticante. Como curiosidade, cite-lhe, contudo, o facto de a ter alinhado pela selecção do Sul, a extremo-direito, um encontro disputado, na última época, com a equipa do Norte...



# O MUNDO TEM OS OLHOS POSTOS NO FUTEBOL BRITANICO

III — Por GEORGES LANGELAAN

Georges Langelaan faz todas as semanas um relato dos acontecimentos do futebol em todas as partes do Mundo. Trata neste artigo do grande interesse que há pelo futebol britânico em todos os países e prevê que nos próximos anos os entusiastas do futebol britânico estejam tão bem informados do que se passa no Mundo do futebol como os entusiastas estrangeiros. Um célebre jogador suco entra num clube francês; os holandeses contrataram o inglês Tommy Seddon para seu treinador; o profissionalismo foi abolido na Hungria; o futebol rivaliza com as touradas como espectáculo público em Espanha.

**T**ODO o mundo segue o decorrer dos acontecimentos no futebol britânico, semana a semana, e os entusiastas seguem os resultados das várias Ligas com tão grande interesse como as dos seus próprios países. O código da Associação está a inundar o mundo até um ponto tal que, segundo creio, dentro em breve a rivalidade internacional será tão grande que os desportistas britânicos estarão tão bem informados sobre o que se passa no resto do mundo como o estão os estrangeiros.

A Inglaterra inscreveu-se para a Taça Mundial de 1950 e, se como se espera, mais de 50 nações tomarão parte nessa Taça, deve haver desafios de maior interesse. Na Taça Rimmel, é claro que a Inglaterra estará representada por um grupo internacional e, ao contrário do que aconteceu nos Jogos Olímpicos, em que a organização do futebol britânico pôs certos países em desvantagem perante outros, poderá apresentar o seu melhor contra os seus adversários.

Os jornais da Europa continuam a fazer-se eco do jogo Inglaterra-Suça. Escrevendo no «France Foot-Ball», o correspondente que relatou o desafio diz que os espectadores que assistiram ao Arsenal-Racing-Clube, empatado há pouco em Colômbes, não devem ter uma ideia exata da realidade do futebol inglês. Escreve: «O Arsenal e todo o grupo inglês são como o dia e a noite. Assim como a primeira formação é rígida nas suas combinações e lenta nos seus ataques, assim a última é subtil, móbil e fácil nas combinações, e muito rápida nos ataques. O grupo nacional trabalha tão suavemente que se tem a impressão que o futebol é como que um jogo de crianças, e as suas combinações são tantas que chegam para complicar as táticas dos seus adversários». Os entusiastas franceses esperam pelo próximo França-Inglaterra a realizar em Colômbes no próximo mês de Maio.

A Federação Francesa de Futebol decidiu que o jogador jugoslavo Viako Golob, pretendido pelo Havre e pelo Toulouse, deve poder jogar pelo Toulouse. A sua primeira apresentação em público deve realizar-se na Taça. Será interessante ver como ele se adapta à combinação com os jogadores franceses.

O sueco Carlsson encontra-se em França depois do desafio Estocolmo-Paris. Entrará no club Stad Red Star, e prevê-se que virá contribuir para que o clube ascenda a uma posição mais honrosa no quadro da 1.ª Divisão da Liga onde presentemente se encontra em penúltimo lugar.

## Treinador Inglês para o grupo nacional holandês

Os holandeses estão preocupados acerca do seu grupo nacional. Foi contratado novo treinador, o inglês Tommy Seddon, espera-se que ele venha a incluir nova vida no grupo. No recente jogo contra a Bélgica, em Antuérpia, em que os pontos se sucederam num encontro incolor, o grupo holandês pareceu aos críticos estar longe daquilo que era antes da guerra. A Holanda encontrar-se-á com a França em Reterdão no dia 25 de Abril.

Na Hungria foram abolidos o profissionalismo e as transferências. A exploração oficial é que «o profissionalismo se não conforma com a estrutura social do país». Todos os clubes passarão a ser controlados pela Federação e as suas finanças passarão a ser examinadas. Aos clubes de futebol só poderão pertencer jogadores que exerçam outra profissão útil ao Estado; e isto suprime automaticamente a vida profissional ganha a jogar futebol. A Federação deverá decidir sobre a remuneração a pagar aos jogadores e os prémios pelos jogos excepcionais. Os jogadores não se poderão transferir de um grupo para outro, e menos ainda para clubes estrangeiros. Na Hungria, segundo se informa, há um sentir amargo a respeito da suspensão do primeiro clube, guia do campeonato, por 4 semanas, devido aos gritos sediciosos soltados entre os espectadores, o que torna impossível para o clube ganhar o campeonato.

Os partidários do futebol em Portugal acham-se radiantes depois de dois belos desafios de clubes portugueses. O Sporting Clube de Portugal derrotou o Norrköping Club da Suécia, na sua visita a Portugal, por 8-2, e depois disso derrotou o A. I. K., de Estocolmo, por 4-1. O Benfica empatou com o Real Madrid, guia do campeonato espanhol. Apesar disso o Norrköping derrotou o Benfica por 2-0 durante a sua visita. Dois jogadores portugueses — Travaços e Albano — são mencionados como verdadeiras revelações. Travaços foi comparado a Mannion, da Inglaterra.

Espera-se que os portugueses dêem boa conta de si na Taça Latina a dis-

putar entre a França, a Espanha, Portugal e a Itália. A comissão da Taça Latina reunir-se-á em Barcelona, no dia 2 de Janeiro, por ocasião do Espanha-Bélgica. Presentemente a ideia é de cada país ser representado pelos dois grupos que ocupem as primeiras posições no campeonato nacional. Os grupos vencedores de cada país encontrar-se-ão numa final, mas não está decidido ainda se essa final se realizará em casa ou fora. Há certas dúvidas sobre se os desafios internacionais vulgares permitirão os jogos fora, mesmo da Taça Latina.

## Experiência sem lei do «Offside»

Entre dois grupos de amadores italianos acaba de se fazer uma experiência de suspensão da lei de «offside». Propôs-se que se jogasse um desafio não oficial entre um grupo italiano e um grupo francês, nas mesmas condições. Virá esse jogo a ser autorizado pelas respectivas Federações?

Dezembro é o mês dos prémios literários em França, e até o futebol tem o seu prémio literário. O vencedor do «Prémio Literário do Futebol» foi Maurice Brezler. Ganhou o prémio com o conto, «Premières Armes», sobre os sentimentos de um jogador chamado a defrontar o seu antigo clube. O escritor diz que se baseou na experiência pessoal ao jogar, como amador, do Stade Français, em 1935. M. Brezler recebeu 10.000 francos. Outros dois prémios foram concedidos, um a Marcel Fauchois, de 5.000 francos, pelo conto «O avançado-centro», e o outro a Gedeon Lesage, de 3.000 francos, pelo «O Quissimodo das Dunas».

## Um quarto a prémio

Um dos grandes problemas das transferências dos jogadores de um clube para outro é achar-lhe instalações. Durante um intervalo de um desafio realizado em Lião, o alto-falante transmitiu um apelo pedindo instalações para três jovens jogadores de futebol. Em resposta, um entusiasta do futebol ofereceu instalações, com a condição de que parte da renda seria liquidada com os serviços prestados como dama de companhia das suas crianças!

A França enviará um grupo de futebol à Indochina no próximo mês de Abril. O jogo na Indochina está a tomar uma projecção rápida e há muito que os habitantes pedem a visita de um grupo francês. Muitos dos anamitas aprenderam o futebol enquanto serviam no exército francês, e de vez enquanto vê-se um anamita em grupos franceses, mas até agora não tem havido estrelas vindas do Extremo Oriente.

Ben Barek e Domingo, que deixaram a França pela Espanha, pediram a todos os seus amigos franceses para que estejam tranquilos, pois não têm intenção de se nacionalizar espanhóis para poderem disputar os desafios com o grupo nacional espanhol.

A Espanha está a exercer atracção especial sobre os jogadores de futebol franceses. A última notícia é que Calligaris, do St. Etienne, e Emanuel, do Monaco, aceitaram um convite para jogar um desafio experiéncia em Espanha.

Um jornalista desportivo francês faz uma longa análise das multidões que assistem ao futebol em Espanha. O futebol tornou-se um sério rival das touradas, e, diz ele, jogado com o espírito das touradas. Os jogadores espanhóis correm atrás da bola como o toureiro atrás do touro, e satisfazem-se com dar aos espectadores a melhor ideia possível daquilo que eles conseguem fazer com a bola, em geral prejudicando o jogo de combinação.

Tremendos aplausos saúdam o jogador que detenha a bola nos pés, conseguindo driblar adversários sobre adversários.

As reacções por parte dos espectadores são também semelhantes aos costumes das arenas das touradas. Vêem-se lenços brancos no ar quando se consegue um ponto, e o jogador que o marcou não deixa de responder com inclinações à multidão, tal como o matador se inclina depois da morte do touro. Se por acaso um jogador em campo esquece de retribuir o cumprimento, os aplausos transformam-se rapidamente em assobios e patadas. Os ferimentos causados a um jogador são assinalados por um profundo silêncio que cobre a multidão, e se o ferimento é grave a maça entra em campo e o jogador é afastado. Quando regressa, com a perna ou a cabeça ligadas, é delirantemente ovacionado.

Outro costume é o de o clube visitante encontrar duas garrafas de vinho nas cabanas, para o intervalo do jogo. Infelizmente o árbitro incorre muitas vezes na desaproveitamento clamorosa das multidões, tal como um touro que se recusa a luta ou um matador que não parece suficientemente corajoso. E nesse caso o árbitro tem de estar atento às almofadas que lhe são lançadas das bancadas.

## ALMANAQUE DOS DESPORTOS

340 PÁGINAS — 200 GRAVURAS

Encontra-se à venda na Administração da «Stadium» para onde deve ser enviada a respectiva importância

Rua da Rosa, 252 — Telefone 31187 — LISBOA

PREÇO DE CAPA — ESC. 40\$00

## Até que enfim!

A Federação Portuguesa Allelismo reuniu há dias umas tantas individualidades, tidas como competentes e dedicadas amigas do seu desporto, para lhes apresentar as primeiras bases da reforma feita nos regulamentos e, de acordo com sua opinião, estabelecer o plano definitivo da esperada renovação.

Da troca de impressões, conduzida sempre com a maior elevação, resultou trabalho útil e obra que se não pode considerar perfeita — a perfeição não é deste Mundo — nem definitiva, mas que, por certo, vai trazer ao allelismo consideráveis benefícios e encaminhá-lo para melhores destinos.

Embora nada se possa considerar estabelecido enquanto as entidades superiores se não pronunciarem, as probabilidades de aprovação avultam, pois se encontravam presentes e colaboraram nas decisões tomadas, o Inspector da modalidade e o presidente da Associação de Lisboa.

A parte da reforma geral que ficou despachada, a que era mais urgente, refere-se à classificação dos atletas em categorias, sem programa de actividades e condições de transição.

Todos os praticantes passarão a seniores aos vinte e dois anos, desde que sejam recordistas nacionais ou classificados entre os quatro primeiros nas provas individuais da categoria.

Porque estas determinações arrastarão para o «seniorato» — releve-se o termo — grande número de atletas que não podem competir com os ases, ficou prevista para um futuro breve a divisão dos seniores em dois escalões.

Aos 18 anos admitem-se como principiantes os rapazes que pela primeira vez se inscrevem em competições oficiais e que depois transitam para juniores, onde se conservam até alcançarem qualquer das condições de promoção atrás citadas.

A mais interessante inovação consiste, porém, na criação de uma nova categoria, a dos iniciados, dos 16 aos 18 anos, para os quais a Federação organizará torneios, sem cunho de campeonato e com o programa de provas idêntico ao do escalão equivalente nos campeonatos da Mocidade Portuguesa.

Por esta forma, conseguir-se-á antecipar a iniciação à prática atlética, como se faz em todos os países do Universo, dando aos jovens uma preparação técnica menos precipitada, pela necessidade de ganhar tempo, e que lhes permita no período propício melhor aproveitamento das suas faculdades.

## NATAÇÃO

# No balanço da época

## sobressai a queda de 18 recordes

QUANDO, há algumas semanas, arquivámos nestas colunas, as judiciosas e oportunas considerações do presidente da Associação de Natação de Lisboa — o nosso estimado amigo Joaquim Marques — este dirigente acentuou, e muito bem, que a temporada natatória de 1948 foi das mais movimentadas, senão a mais movimentada de todos os tempos. Esta característica parece, de facto, não sofrer contestação.

No entanto, outras facetas há a pôr em relevo. Por exemplo: os dezoito recordes melhorados na época finda, aos quais a seguir fazemos referência. Quanto a nós, eles representam um dos mais agradáveis — senão o mais agradável — dos aspectos da temporada natatória de 1948. De facto, essas dezoito marcas — dezassete das quais obtidas por nadadores no começo da sua carreira — permitem-nos encarar com optimismo o futuro da modalidade.

### Onze recordes masculinos

Principiemos pelas provas masculinas, onde foram melhorados onze recordes, sendo um de seniores e absoluto, e dez de categorias inferiores. Dentro destes últimos, temos três de iniciados, quatro de principiantes e três de juniores. Vejamo-los em pormenor:

100 metros-livres, iniciados — Fernando Esteves Madeira (S. A. D.), 1 m. 08,6 s.

100 metros-bruços, iniciados — Melhorado sucessivamente por Ezequiel Gameiro das Neves (S. A. D.), para 1 m. 29,2 s. e para 1 m. 26,1 s.

100 metros-bruços, principiantes — Eduardo Murta Barbeiro (S. A. D.), 1 m. 24,2 s.

100 metros-costas, principiantes — Melhorado sucessivamente por João Franco do Vale (S. A. D.), para 1 m. 15,6 s. e para 1 m. 13,6 s.

4 x 200 metros-livres, principiantes — Equipa do Sport Algés e Dafundo (José Inácio Borja, Armando Rodrigues, Eduardo Murta Barbeiro e Fernando Madeira), 11 m. 8 s.

100 metros-costas, juniores — Melhorado sucessivamente por João Franco do Vale (S. A. D.), para 1 m. 15,4 s. e para 1 m. 14,4 s.

200 metros-costas, juniores — João Franco do Vale (S. A. D.), 2 m. 47,7 s.

1.000 metros-livres, seniores — Joaquim Baptista Pereira (A. S. C.), 14 m. 34 s.

### Sete recordes femininos

E passemos, agora, às provas femininas, onde foram melhorados sete recordes, e onde aparecem em posição de relevo os nomes de Lucília Angeja e de Maria Luísa Araújo. Acentue-se, entre-

tanto, que não é vulgar, numa mesma época, a melhoria de sete recordes femininos.

Vejamo-los, também, em pormenor.

100 metros-bruços, iniciadas — Fernanda da Silveira Cunha (S. A. D.) 1 m. 47,2 s.

3 x 100 metros, três estilos, principiantes — Equipa do Sport Algés e Dafundo (Regina Mendes, Maria Luísa Araújo e Ercília Gil), 5 m. 28,6 s.

100 metros-bruços, juniores — Maria Luísa Araújo (S. A. D.), 1 m. 45,5 s.

400 metros-bruços, juniores — Maria Luísa Araújo (S. A. D.), 8 m.

200 metros-costas, juniores — Lucília da Silva Angeja (S. A. D.), 3 m. 46,8 s.

300 metros-livres, juniores — Lucília da Silva Angeja (S. A. D.), 5 m. 14,8 s. (este recorde é, também, absoluto).

400 metros-livres, juniores — Lucília da Silva Angeja (S. A. D.), 7 m. 5 s.

Ela, no eloquente simplicidade dos números, um dos mais curiosos aspectos da última época natatória: a queda de dezoito recordes, símbolo iniludível de um progresso que é a melhor garantia do futuro da modalidade.

### A seguir:

Uma página de honra da natação portuguesa.

## O Algés e Dafundo ganharam a taça «Natal»

— uma organização da F. P. N.

PELA primeira vez na história da natação portuguesa, a entidade que superiormente a dirige chamou a si a organização de provas durante a quadra invernal. E para abrir uma série de organizações que se estenderá até fins de Março, a F. P. N. levou a efeito, no pretérito sábado, na piscina de inverno do Sport Algés e Dafundo, uma corrida de 50 metros-livres, com inscrição aberta a nadadores de todas as categorias.

A iniciativa da taça «Natal» foi bem recebida nos diversos sectores afectos à modalidade. A Rádio referiu-se-lhe em termos elogiosos. A Imprensa, especializada ou não, tecer-lhe os melhores louvos res. O pormenor da prova, nas condições em que foi disputada, ser absolutamente inédita entre

nós foi, de modo geral, citado como merecia. A ideia da taça «Natal» parece-nos digna de estudo e de apreço. E, tal como vemos num vespertino da capital, igualmente nos parece que a prova, nos actuais ou noutros moldes, se torne anual.

Indivualmente, sobressai o nome de Guilherme Patroni — com um belo «print», no «tempo» de 29,1 s.. Colectivamente, o Algés e Dafundo brilhou, como era natural. O elenco constituído por Patroni, João Franco do Vale, José Inácio Borja, Eurico Surgey e Alfredo Rodrigues, conquistou a taça, totalizando 2m 39,2s..

Alfredo Rodrigues (33,8s) e José Borja (32,8s) foram os melhores, respectivamente, nas categorias de juniores e principiantes.

Ezequiel Gameiro das Neves (34,5s), Manuel Murta Barbeiro (35,8s), Regina Deniz Mendes (45,4s) e Maria Ofélia Rosa (Im.) estiveram em evidência nas respectivas categorias.

E por último, nesta breve resenha, citemos o belo desportivismo de Cristiano Luz, do Sportivo de Pedrouços, que compareceu, lutou muito bem, e foi terceiro entre os seniores, com 34,1s.

### Campeonatos de Inverno do S. A. D.

Principiaram no domingo, e continuam nos dias 9 e 23 de Janeiro e 6 de Fevereiro, os Campeonatos de Inverno do S. A. D., mais uma bela iniciativa do prestigioso clube, tendente a movimentar os seus elementos, controlando a evolução da sua «forma» e estimulando o seu espírito de emulação.

Nesta primeira jornada, que teve a caracterizá-la, principalmente o elevado número de concorrentes, entre os quais seis seniores, distinguiram-se, entre outros, Maria Luísa Malheiro da Silva, Regina Deniz Mendes, Celestino Garcia, João Matos Silva, Carlos Cruz Paiva, Manuel Murta Barbeiro, Ezequiel Gameiro das Neves, Luís Ricardo Sebastião, José Inácio Borja, Adriano Cabral Rodrigues e Guilherme Patroni.

Abreu Torres

### Previsões da 15.ª jornada

(Continuação da página 3)

como a muitos parece. Não restante... perder com o F. C. do Porto não lhes ficará mal. Mesmo por uns 4-1...

V. Guimarães - «O Elvas» (7-1/2-3) — Os vimaranenses não esperam, certamente, tornar a ganhar por margem de seis bolas, mas confiam que vençam outra vez, nem que seja por um terço daquela diferença. Sim, bater os elvenses por 3-1 já não seria nada mau... (Pelo menos vale o mesmo 2 pontos... e o adversário não fica tão mal impressionado...).

Sp. da Covilhã-Sp. de Braga (1-2, na 1.ª volta) — De novo se defrontam os dois Sporting — campeões da II Divisão nas últimas temporadas. Da primeira vez, os bracarenses levaram a melhor, mas cabe agora aos «leões da Serra» retribuir a «hospedagem»... e talvez mais alguma coisa. Admitimos um triunfo aos futebolistas da Covilhã por 3-2... se não empatarem!



# O último pontapé de MARIANO AMARO



Mariano Amaro, conduzido por outro idolo, Artur Sousa (Pinga), Serafim e Vítor Hugo, passa por entre alas de jogadores



O S. L. e Saudade. Ao lado direito, Maximiano Vargas, nosso colaborador; à esquerda, Travassos Vares. E muitos ases de outras épocas



Amaro entrega medalhas com a sua effigie aos jogadores que tomaram parte no festival



Novos e velhos foram ao campo das Saléias saudar Mariano Amaro, um nome que lustrou o futebol das melhores épocas. Pode apreciar-se logo pelo friso que apresentamos, ao alto, Seleções de candidatos, equipas do Sporting, Benfica, Belenenses e S. L. e Saudade e uma equipa honrosa, Internacional de 1943. Outros e julgam de linha, olham-no nesta altura com respeito e admiração. Vê-se a seguir a entrega de uma prenda — da A. F. Lisboa.

O último pontapé. Amaro parece emocionado. Peyroteo, bom camarada, está junto de si



Uma defesa de Azevedo, carregado por Vieirinha, no jogo Candidatos-Sporting



Azevedo desvia uma bola com os punhos. Bentes é um avançado perigoso... Barrosa e Canário observam a sua acção



Um remate de Bentes! Barrosa e Juvel seguem-no com agilidade

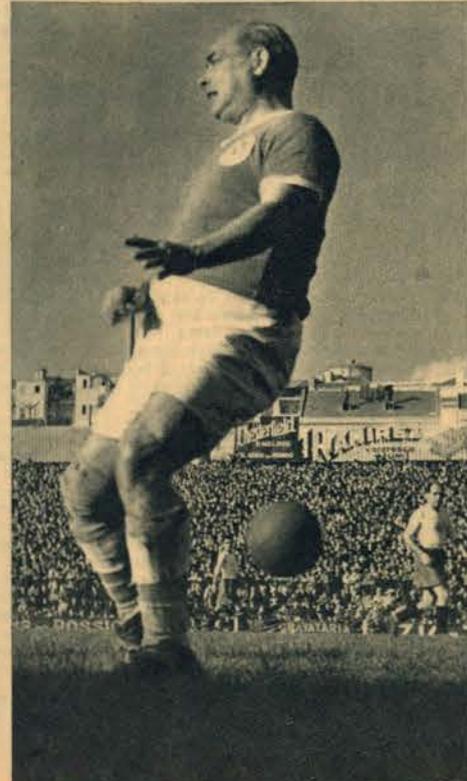


Uma defesa de Pedro da Conceição no jogo S. L. Saudade-Equipa de 1942



Martins, da equipa nacional de 12 defende a soco, tendo Gustavo, do S. L. Saudade, no aque. Xavier e Álvaro Cardoso estão ntos

Foto NUNES DE ALMEIDA AMADEU FERRARI



Vítor Hugo, do S. L. e Saudade parece comprometido! Ai nos seus tempos...



Sério, no jogo Belenenses-Benfica, mergulha arrojadamente aos pés de Arsénio. Melão está longe do lance



Lourão despede um remate. Vítor Hugo mar-o de perto... Não se diga que os antigos não tinham tática

# BENVINDO CARDOSO

vice-presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo

analisa a última temporada velocipédica e revê alguns problemas da modalidade



Benvido Cardoso

A temporada ciclista que há semanas teve o seu epílogo, foi sem dúvida uma das mais movimentadas dos últimos tempos, quer no que toca ao número de praticantes, quer no que respeita às organizações levadas a cabo.

A época velocipédica teve assim regular movimentação, mormente depois da «Volta a Portugal». Provas que vivem, digamos, na zona de influência da «Volta a Portugal», beneficiando reflexivamente da sua popularidade e do seu poder verdadeiramente aliciante.

O que foi a actividade do nosso ciclismo durante o ano de 1948, já o disse nestas colunas, com a sua autoridade de técnico de créditos firmados, o nosso distinto camarada Mário de Oliveira. Parece-nos, no entanto, não ser descaído o depoimento de um dirigente. E dentro desta ordem de ideias, arquivamos hoje as opiniões de Benvido Cardoso — um nome que dispensa apresentação e adjectivos.

Benvido Cardoso recebeu-nos, como é natural, na sede da Federação Portuguesa de Ciclismo. Iniciando o diálogo, colocamos a primeira pergunta:

— Como encara a temporada de 1948?

— Muito boa, em relação às anteriores. Houve mais entusiasmo, tanto no que se refere a organizações, como no que toca a licenças de corredores. Assim — prossegue o nosso entrevistado — o número de corredores licenciados tem subido progressivamente: 166 em 1946; 216 em 1947 e 259 em 1948. A progressão do número de provas efectuadas é igualmente elucidativa: 53 em 1946; 86 em 1947 e 103 em 1948.

E continuando o seu pensamento, Benvido Cardoso diz-nos:

— De todas as organizações, sobressai em tudo e por tudo, a XIII «Volta a Portugal» — levada a cabo pela Federação e pelas Associações Regionais do Sul e do Norte — além da outra série de «Volta» que são consequência lógica e natural da «Volta a Portugal», e tantas outras provas que muito contribuíram para o progresso da modalidade. Efectuaram-se ainda muitas corridas de pista em Lisboa, Porto, Tavira e Loulé, que tiveram a presença de muitos milhares de espectadores, pois que depois do futebol é o ciclismo a modalidade que reúne maior número de entusiastas.

— Quais em sua opinião, os corredores mais em evidência?

— De modo geral, todos contribuíram com o seu esforço e entusiasmo para valorizarem as pro-

vas a que concorreram. No entanto, temos um lote de corredores cuja classe se impõe e do qual destacamos alguns nomes: Fernando Moreira — o brilhante vencedor da XIII «Volta a Portugal»; João Rebelo, João Lourenço, José Martins, Império dos Santos, António Maria, Duarte Patrício, etc.

— Mas também têm aparecido alguns novos...

— Poucos. De quando em quando, aparece um ou outro com algum valor, mas depressa se «gasta».

«E' pena que a Federação não tenha possibilidades financeiras para contratar um técnico competente, para dar escola a esses rapazes como era nosso desejo.

Mudamos de capítulo. Fala-se agora da «Volta a Portugal» — o mais berrante cartaz do ciclismo português. Arrieseamos pois, nova pergunta:

— Tencionas a Federação organizar de novo para o ano a «Volta a Portugal»?

Eis a esse respeito o depoimento de Benvido Cardoso:

— De momento, nada lhe posso dizer concretamente, visto que a actual gerência da Federação termina este ano o seu mandato. No entanto, como a prova foi feita de colaboração com as Associações Regionais do Sul e do Norte, é natural que as três entidades voltem a organizá-la, tanto mais que só os dirigentes federativos terminam o seu mandato.

Outra pergunta, que aliás já tem feito correr muita tinta:

— Como encara a hipótese de a «Volta» começar e acabar no Porto?

— Concordo em absoluto que no próximo ano se faça a partida e a chegada ao Porto, embora as despesas sejam maiores. E' absolutamente justo que os nortenhos, grandes entusiastas do ciclismo, lhes seja dado ensejo de gozarem esse interessante espectáculo.

E' vasto, como facilmente se compreende, o campo da «Volta». As perguntas ocorrem, pois quase em série. Eis outra que colocamos:

— Concorda com a inclusão de corredores estrangeiros na «Volta»?

— Concordo em absoluto. Acho mesmo indispensável o seu concurso nas futuras «Volta». E' a única maneira de as valorizar e de dar aos nossos estradistas a possibilidade de um maior contacto com corredores de valor, colhendo assim alguns ensinamentos. E' preciso notar — e acentuar — que a matéria prima que possuímos é boa. Provaram-no durante a última «Volta», em luta corredores estrangeiros de grande

valor, como Chupin, Emilio Rodriguez, Berrendero, Atílio, Gueguem, Délio Rodriguez, Luiz Longo, Pottée e Félix Bermudez, e da qual não saíram diminuídos. Contacto, muito contacto com corredores estrangeiros, é o que os nossos rapazes precisam.

— E' no entanto, de opinião que os estrangeiros devem constituir equipas próprias, ou serem integrados em conjuntos clubistas?

— A participação na «Volta» de equipas estrangeiras dava-lhe de facto extraordinário valor. Durante a preparação da XIII «Volta», recebemos várias cartas de fábricas e casas de bicicletas de França, Bélgica, Itália, Suíça e Espanha, oferecendo-nos contratos de equipas suas representantes, algumas delas constituídas por corredores de primeiro plano. Não há dúvida de que a prova se tornava mais emotiva, e o interesse, quer no nosso país, quer no estrangeiro, seria maior. O nosso meio porém, não comporta organização tão dispensiosa.

— E nesse caso...

— Nesse caso, entendo que pelo menos, por ora se deve continuar a seguir o critério adoptado na última «Volta», ou seja a inclusão de ciclistas estrangeiros nas equipas dos clubes nacionais, o que as vai valorizar extraordinariamente.

Entramos noutro capítulo. Passamos da estrada para a pista. Amavelmente, o vice-presidente da Federação vai satisfazendo a curiosidade do jornalista.

— Quantas pistas existem no nosso país?

— Apenas cinco, localizadas em Lisboa, Porto, Póvoa do Varzim, Tavira e Loulé, e todas elas pertencentes a clubes filiados na Federação. Particulares, infelizmente, não há nenhuma.

— Pistas cobertas, porém...

— Cobertas, para mal do ciclismo português, não possuímos nenhuma. E já que me falou em pistas cobertas, vou contar-lhe o seguinte episódio que, pela primeira vez vem a público: aproximadamente há dois anos, apareceu na Federação uma pessoa

que possuía para os lados de Benfica. Demos-lhe todas as indicações que nos pediu e, francamente, ficamos entusiasmados com tão interessante iniciativa, que daria extraordinário impulso ao ciclismo. Com uma pista coberta, poder-se-iam organizar provas interessantes com a comparticipação de corredores estrangeiros e que dariam aos organizadores resultados financeiros compensadores. Mas tudo ficou, ao que supo-

mos, no reino dos projectos...

A entrevista encaminha-se para o seu termo. Entretanto, pedimos a Benvido Cardoso que nos esclareça acerca do que ultimamente tem sido posto a correr, relativamente à nova regulamentação da F. P. C. Eis a este respeito, o depoimento do nosso prezado interlocutor:

— Como é natural, todos os assuntos que se referem à modalidade em que superintendemos, merecem-nos o mais cuidadoso estudo. Mas não só estudo, também ponderação e espírito de justiça.

Após ligeira pausa, Benvido Cardoso continua a desbobinar o seu pensamento:

— Depois, a última guerra, com as suas múltiplas consequências — falta de material velocipédico, de gasolina para os carros de apoio, etc. — restringiu forçadamente a organização de provas; a falta de fundos da Federação não permitiu que durante anos se pagassem prémios aos corredores, nem deslocações para disputa dos Campeonatos Nacionais. Tudo isto gerou um ambiente de pessimismo difícil de destruir em pouco tempo. Observado o ambiente, observados os males que o enfermavam, seguiu-se na medida do possível, o critério seguinte: primeiro, pagar o que se devia; segundo, procurar ajudar e encorajar aqueles que se dispunham a organizar provas.

— Esclarecidos estes pontos, o vice-presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo prossegue:

— Uma vez resolvidos estes dois problemas, e só agora isso se verificou, então sim, então é que se deveria pensar em alterar — ou melhor — em actualizar a regulamentação existente.

E concluindo o seu pensamento:

— Era assim que pensava a Federação. Todavia, para que não se possa inferir que esta entidade pretendia opor qualquer entrave aos bons desejos da Comissão agora voluntariamente aparecida, siga-se esse desejo que, seremos todos nós os primeiros a ajudá-la e a aplaudi-la com o mesmo entusiasmo que dispensaríamos a outra qualquer comissão que, honestamente quisesse, também, colaborar connosco.

O nosso prezado amigo Benvido Cardoso terminou aqui o seu judicioso depoimento. Nada mais tínhamos a perguntar. Apenas temos a agradecer a gentileza com que nos recebeu.

Abreu Torres

Stadium

**CORREIA DIAS OU VITAL?**

Em nosso entender, Vital é avançado-centro e não extremo direito. Neste posto de extremo, o jovem José Lino consegue ser melhor, e como se trata de um elemento de futuro, não nos parece justo mantê-lo fora da equipa. De resto, sendo Vital avançado-centro, puramente avançado-centro, útil pela sua energia e voluntariedade, colabora-se em grave erro não o aproveitando nesta emergência.

Temos por Correia Dias uma simpatia especial, de que é digno o admirável desportista. Mas o seu peso e as dificuldades que revela em certos momentos do jogo inferiorizam-no em relação a outros do seu lugar. Não temos dúvida sobre o utilidade da linha avançada constituída por Lino, Araújo, Vital, Sanfins e Vieira. O F. C. P. só se prejudica não insistindo nela — sem todavia despensar o concurso útil de Correia Dias, evidentemente.

**UM FILHO DE «PINGA» NO SALGUEIROS...**

A nossa Revista informou há dias que um filho do malogrado Raul Figueiredo (Tamanqueiro) alinhava nos júniores do Belenenses. Revelação interessante. Podemos agora informar, também, que um filho de Artur de Sousa, o inimitável «Pinga», de 17 anos, se prepara para alinhar nos júniores do Salgueiros.

— Mas como pode ser isso se Artur de Sousa é e continuará a ser um valoroso adepto do F. C. do Porto? É Artur Sousa quem nos responde:

— O rapaz tem habilidade, segundo sei e já vi. Não quero influir nas suas preferências cluísticas, entretanto. Só desejo que ele faça carreira e não se engane. Se ele escolhesse o F. C. do Porto, é claro, seria vigiado por mim. E talvez se fiasse um dia no filho de «Pinga»...

**A PROPÓSITO DE ARTUR SOUSA**

O grande jogador de há poucos anos conseguiu fazer ganhar o Tirsense mais um campeonato: o da 1.ª Divisão da A. F. Porto, em luta com algumas equipas de valor: Salgueiros, Leça, Vilanovaense, Candal e outros. O F. C. Tirsense concorrerá

agora ao campeonato da 3.ª Divisão nacional.

Artur Sousa, porém, talvez venha a treinar um outro grupo portuense, da 2.ª Divisão, um clube onde a matéria-prima abunda. O valoroso «internacional», sabemos, isso desejaria servir a sua colectividade, o F. C. P., preparando rapazes para o futebol. Mas também não pode deixar de olhar pelo seu futuro, e daí a possível entrada num clube de certa importância e de boa projecção no desporto nortenho.

**A CHAMADA DE INTERNACIONAIS PORTUENSES**

A Lisboa foram treinar, a fim de serem examinados pelo seleccionador, Araújo e Virgílio. Barrigana não compareceu. E viu-se que ficaram de fora jogadores como Joaquim, Romão, Alfredo e Serafim. Sobre Araújo — achamos demasiado forte a sua colocação na lista dos candidatos. Barrigana e Joaquim, parece-nos, salvo melhor opinião, podem considerar-se «internacionais» feitos. E tanto Romão como Serafim, como ainda Alfredo, em bela forma, seriam capazes de resistir ao confronto de outros que foram chamados ao campo das Salésias.

Os portuenses desejam apenas que o «team» nacional seja forte e corresponda aos seus anseios. Como sempre. No entanto, também gostariam de ser bem tratados.

**CATOLINO REGRESSARÁ AO F. C. DO PORTO**

O campeão nortenho tem cedido vários elementos ao F. C. Tirsense. O último atleta transferido foi Catolino. No entanto, podemos informar que o antigo extremo-esquerdo azul branco regressará no fim da época ao seu clube, — que o colocou à disposição do agrupamento de Santo Tirso, a título de empréstimo.

Catolino revelou ao serviço do F. C. do Porto a melhor dedicação, e o facto não passou despercebido à sua massa associativa. Logo, continuando nas fileiras do clube da Constituição, Catolino mostra-se digno da camaradagem que lhe dão os seus colegas e dirigentes. Que o rapaz está no Tirsense para cumprir uma «ordem».

**Uma assembleia geral**

**PRESIDIDA** pelo dr. Mário Graça e Moura, reuniu-se na última semana a assembleia geral do F. C. do Porto. Não se passou da meia hora dos trabalhos. Porém, dentro dela, embora se discutissem os sucessos do Estoril e da Tapadinha, todos os oradores apreciaram os factos com elevação e excelente critério desportivo.

Esta assembleia geral do F. C. do Porto prestigiou a colectividade n.º 1 do Norte. A maneira como os sócios julgaram os problemas da gravidade dos que aponamos, demonstrar-nos toda a boa vontade em servir o seu clube e prestigiar a causa do desporto, nomeadamente do futebol.

Claro que os sócios do F. C. do Porto não deixaram de lamentar a maneira deselegante como dois árbitros o prejudicaram nos seus anseios de vitória. Também não deixaram de se mostrar aborrecidos com as penalidades que atingiram jogadores seus, estabelecendo o paralelo com outros mais felizes e... bem tratados. No entanto, fazendo gala de uma educação exemplar, ordeiramente, os adeptos do clube campeão foram dignos do seu clube.

Nada do que se julgava veio a passar-se. A boa classificação está perdida para o F. C. do Porto, não há dúvida alguma, mas a confiança e a serenidade continuam dentro dos espíritos. Virão dias melhores. E árbitros, com certeza...

**TRIBUNA DOS PORTUENSES**

**A. Sousa (Porto)** — Estamos em concordância com a sua carta, mas o assunto é melindroso. Nem valerá a pena insistir agora nisso. Como vê, o F. C. do Porto, tem de contentar-se com o castigo de 30 dias a cada um dos árbitros, e toda a gente pode rir-se dos seus protestos e canseiras. O que ninguém lhe tira é as derrotas...

O prezado leitor, quando se dirigir a esta secção, decline a sua identidade completa e indique a sua morada, embora esta possa ficar no segredo da Redacção. E quanto ao seu aborrecimento — aguarde melhores dias e melhor justiça...

**Fernando Sousa (Porto)** — Repetimos o que acima se diz: Também deve indicar-nos sempre a morada quando escrever a esta secção.

Sobre as arbitragens da Tapadinha e do Estoril, visto que sabe como tudo se passou, por ter visto — não deve ter dúvidas sobre a opinião de alguns comentadores. O Porto também perdeu agora em Elvas, mas já nada surprende, posta a equipa em situação de inferioridade e impossibilitada naturalmente de lutar com sacrifício. Não vê como se castiga e se julga?

Quanto ao responsável desta página, que tem marcado pelo seu desassombro, com honra para a «Stadium» e proveito para os portuenses e nortenhos — não é quem julga. De resto — são vários os responsáveis.

**Curiosidades...**

Na última assembleia geral do F. C. do Porto, toda a sessão foi pequena para se tratar de dois casos: Atlético-Porto (jogo da Tapadinha) e Estoril Porto (jogo da Amoreira).

Foi apreciada cuidadosa e rigorosamente a acção dos árbitros Aureliano Fernandes e Contente de Sousa. Foi lida, também, uma exposição enviada às entidades superiores do desporto.

É grande o entusiasmo pela notícia de que as obras do futuro Estádio do F. C. do Porto vão principiar no próximo mês de Janeiro.

Como já é do conhecimento público, a festa dedicada a Mariano Amaro foi transferida para Fevereiro.

O F. C. do Porto recebeu ultimamente vários convites. Julgamos que o clube não está em condições de os aceitar.

Artur de Sousa estava disposto a jogar pelo 1.º team do F. C. do Porto na festa de Mariano Amaro. Porém... não será desta vez que o público pode recordar-se da sua famosa classe.

Defende-se a inclusão de Lino a extremo direito e Vital a avançado centro.

Serafim e Caiado poderiam ser convidados para treino da selecção nacional... E Joaquim? E Romão?

A exibição de Valongo em Elvas acalmou os espíritos.

Fandiño deverá jogar num clube de Espanha.

**ARCADIA** O DANCING N.º 1  
= DA CAPITAL =  
EXTRAORDINARIO ÊXITO DE GRANDE ATRACÇÃO  
**MARIO ROSSI y su orquestra**  
num grandioso programa com as super-atrações  
**TRIO ALONSO**  
Masaña Herrero, Masaña Navarrete, Carmelita de Córdoba, Mary-Mely, Conchita Candil, Mabel Valencia e Carmen Gallardo  
Primeira parte de variedades ás 24 15  
Atenção ao grande «Reveillon» do Arcádia  
Aos domingos CHÁS - DANÇANTES com todos as atrações des 17.30 ás 20 h. Seleção rigorosa  
RESERVE A SUA MESA

# JOGOS DA 2.ª DIVISÃO



Nestes clichés anotamos algumas fases de jogos do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, prova que o público tem seguido com grande curiosidade. 1—No jogo *ACADÉMICA-NAVAL 1.º DE MAIO* (4-0), a defesa coimbrã evita uma avançada dos figueirense. 2—Uma fase movimentada junto às redes vimaranenses no jogo *S. C. VILA REAL-OLIVEI-RENSE* (0-0). 3—O *CLUBE ACADÉMICO DE FUTEBOL DE VISEU*, que se classificou brilhantemente no 2.º lugar da zona B. 4—No decorrer do encontro *FAMALICÃO-SAN-JOANENSE* (4-1), na marcação de um canto, Mota defende com segurança. 5—Uma fase animada do jogo *DESPORTIVO DE BEJA-CAMPOMAIORENSE* (3-1). 6—No encontro *LEIXÕES-ACADÉMICO*, no momento em que a defesa matozinhense estava em luta com Coelho.

## AS MELHORES AMAZONAS DE 1948



**D**EPOIS do desaparecimento das nossas pistas das conhecidas e apreciadas amazonas D. Maria Teresa Ivens Ferraz, D. Maria Pinto de Azevedo, D. Helena Fortes e D. Neila de Arriaga, que apareciam com frequência há duas épocas e cuja falta ainda hoje se lamenta, julgou-se não ser fácil arranjar entre as senhoras portuguesas outro grupo tão homogêneo e brilhante.

Tal, felizmente, não sucedeu e novos valores surgiram, impondo qualidades, que rapidamente as fizeram ascender a um lugar de realce no desporto feminino português.

Referimo-nos a D. Isabel Ribeiro Ferreira, D. Ana de Mendia, D. Maria Helena Assoca, D. Maria Cruz Azevedo, D. Eduarda Macedo Basto e a mais nova de todas D. Rosário Paiva Raposo — as amazonas de hoje que em Sintra, Cascais, Caldas e Lisboa provaram, exuberantemente, que os ensinamentos dos mestres se haviam aliado às suas qualidades de cavaleiras destemidas e desembaraçadas, relevando temperamento desportivo muito de apreciar.

É claro que não incluímos no grupo acima indicado os nomes de D. Fernanda Leote, uma exfímia amazona cujo aparecimento em pista causa sempre justificado júbilo, nem de D. Dilete Valadas, que temos também visto disputar as provas mais difíceis, destinadas principalmente a cava-

leiros, o que as impede de tomar parte nas provas dedicadas, exclusivamente, a senhoras.

Referimo-nos sim, às seis já citadas e em especial às duas primeiras que, este ano, conseguiram um conjunto de classificações muito curiosas.

Se em 1947, D. Maria Helena Assoca se impôs com autoridade nas provas que disputou, em 1948 os nomes de D. Isabel Ribeiro Ferreira e de D. Ana de Mendia, surgiram com frequência entre as premiadas e, mais do que isso, entre as vencedoras.

D. Isabel Ribeiro Ferreira, além de outras classificações que obteve, foi a 1.ª nos dois Concursos de Lisboa e no de Sintra, montando «Dardo» com invulgar desembaraço e revelando um bom sentido desportivo.

D. Ana de Mendia, triunfou nas Caldas e em Cascais, no «Que Foi», arrancando ainda mais quatro prémios que, sem dúvida, a classificam como uma amazona de requintado valor.

Ao mencionarmos os seus êxitos, «Stadium» presta homenagem a todas as raparigas portuguesas, para quem o desporto não é palavra vã, praticando-o com verdadeiro entusiasmo, sem perder contudo nenhum dos seus feminis encantos. — ANTAS TEIXEIRA

1 — D. Isabel Ribeiro Ferreira, quando ganhou, no «Dardo», prova «Diana» do Concurso de Lisboa. A seu lado, em segundo plano, a 2.ª classificada D. Helena Assoca. 2 — D. Ana de Mendia, no «Vulcão», num vistoso salto

# A ZEVEDO

E O SEU "SEGRÊDO"

## FRANCISCO FERREIRA

E A SUA DEDICAÇÃO CLUBISTA



vasto Lima — com uma tarde portentosa. Disseram os críticos: uma das melhores exibições da sua carreira. Cá para baixo, no Campo Grande, à mesma hora, o capítulo dos encarnados repete uma jogada de excepcional relevo.

Azevedo salvou o Sporting, Francisco Ferreira empurrou o Benfica para o seu mais espectacular vitória da época. Lugar aos novos! — grita-se. E bem. Mas, também, lugar aos velhos — quando eles são desta qualidade, da rija tempera do Azevedo e do Chico.

É curioso um facto que está a registar-se. Independentemente da famosa linha avançada dos clubes e de um ou outro jogador — Araújo, Figueiredo, Mota, Barfigana... — são frequentes as boas referências aos antigos: Azevedo, Chico Ferreira, Peyroteo, Feliciano, Serafim... Que quer isto dizer? Responda quem puder. Nós registamos o caso!...

Na selecção nacional, Ferreira e Peyroteo são dos mais antigos. Azevedo já cedeu o lugar. Mas... O caso de Peyroteo é semelhante ao de Soeiro. Havemos de o tratar. Por agora queremos acompanhar o coro elogioso da crítica a Azevedo e Francisco Ferreira. Esta reportagem é como que uma homenagem a ambos — figuras de uma «velha guarda» que não se rende...

Azevedo oferece ao observador aspectos na verdade surpreendentes. O «liberto» — designação carinhosa dos seus companheiros de equipa — tem no entrar no campo a aparência de um... desabilitado. Arrasta os pés — parece que sofre... dos calos! disse há pouco o Carlos Pinhão — ginga-se como Brown, o «Marinheiro» da R. A. F. Mas o jogo principia e Azevedo transforma-se. Aqui e além sofre um golpe de maneira incompreensível... Resgata a «falta» com um punhado de defesas quase inconcebíveis. É natural que já não tenha o mesmo sturmo de qualidades dos seus 20 anos. Mas é ainda um grande guarda-redes, sólido, seguro, experiente.

— A bola foi ter com ele! afirma-se às vezes.

Não se vê que isso se deu porque ele soubera colocar-se no caminho da bola... A colocação — pág. X de todos os tratados sobre futebol — é, afinal, o segredo dos guarda-redes e o índice da sua classe...

Seja ou não o melhor «keepers» português do momento actual, Considere-se ou não o n.º 1 de agora (o n.º 1 de sempre foi realmente Azevedo!) o «sporteiro» do Sporting — é, ainda, um jogador de classe elevada.

Chico Ferreira! No seu corpo a camisola encarnada é uma labareda viva de entusiasmo, de energia na luta, de aplicação, de «genic»...

Que tem só um pé! Isso, porém, que importa? Francisco Ferreira supre essa falta a golpes de valor atlético, de tenacidade, de elasticidade... Vamo-lo sempre no mais aceso da luta, junto das redes apto a defendê-las, a meio campo empurrando os avançados. E não raro, levado pelo seu fulgor, o Chico aparece na grande área do grupo adversário — a chutar às balizas como se fosse um avançado. Foi assim no jogo com o Real Madrid. E tão generoso, tão impressionante, foi o seu esforço que até Bañon o felicitou... Ao Chico deve o Benfica alguns triunfos. Quantas vezes, na arrancada final, ele tem dado à equipa o gol necessário!... Presentemente, na equipa encarnada, Chico Ferreira é a esperança, a chama latente do entusiasmo clubista — o símbolo da salina benfiquista...

As suas qualidades desportivas e atléticas não Francisco Ferreira uma modestia sem par e um espírito de camaradagem do melhor quilate. Nas festas de despedida de antigos companheiros de desporto, mesmo que não tenham jogado no Benfica, o Chico é dos primeiros a aparecer, a oferecer o seu desinter-



sado concurso — que o leva a proceder até à venda de bilhetes!...

Azevedo e Francisco Ferreira, dois homens que caminham para o seu ocaso desportivo, merecem a simpatia de todo o público, de todos os desportistas sem distinção de cores. São dignos dela pela sua dedicação aos clubes que representam, pelo valioso concurso que têm dado à selecção e ao futebol nacional.

MANUEL MOTA



Afonso Marques termina vitorioso a prova de seniores. A equipa do Sporting vencedora desta categoria



Fernando Carvalho, do Pontével, ganha a corrida dos juniores. A equipa do Belenenses vencedora desta prova



Fotos F. SÁ

Em cima — A equipa da Casa Hipólito, de Torres Vedras, que triunfou na prova dos Populares. Ao lado, Atilano Vieira, da «Cimento Tejo» vencedor popular. Em baixo. A equipa de Veteranos do Sporting que triunfou nesta categoria



1 — Atilano Vieira, do Sporting, triunfa em Príncipeps. 2 — Fernando Aguiar, do Benfica vence em Inieitados. 3 — A equipa do Sporting que ganhou a corrida dos Inieitados. 4 — O veterano do Sporting José Félix chega primeiro na sua categoria



# O "III GRANDE PREMIO DO NATAL"

Organizado por «A BOLA» e o SPORTING

## Na Europa

Os romanos tiveram ensejo de apreciar as qualidades pugilísticas do actual campeão da Europa e de França, Raymond Famechon (semi-leve), durante o combate que ele sustentou contra Alvaro Cécasani. Em frente de tal adversário, rude e violento socador, o francês evidenciou-se, acabando por ganhar ao 8.º assalto, por fora de combate.

Em Espanha, o nosso conhecido Juanito Martin triunfou de idêntica maneira sobre Gáscón, pondo-o *knockout* ao 2.º rd. O duelo foi breve, pois o vencido andou três vezes no chão, antes da contagem decisiva.

No mesmo programa, Modesto Asencio triunfou sobre Mariano Diaz (levíssimos) por pontos, ao cabo de oito assaltos. O público protestou contra o resultado.

O campeão da Europa de «médios», Cirilo Delanney, em virtude de ter rompido o contrato nupcial com a filha de Gustavo Roth, seu preparador desportivo, desligou-se deste último. Como as razões de tal atitude — ao que se diz — deixam mal colocado o antigo adversário de Cerdan, seu *manager*, Fernando Prémont, esfriou com ele as relações amigáveis e íntimas, que ambos tinham.

Em Londres, trabalha-se agora para organizar o combate entre o sueco Oile Tandberg e Lee Savold, pugilista americano, recente vencedor «moral» do campeão de Inglaterra e da Europa, Bruce Woodcock.

Este último, deve enfrentar Freddie Mills, detentor do título de «semi-pesados», no próximo dia 2 de Julho, para o campeonato de todas as categorias.

## Na América

O campeão mundial de «semi-leves», Sandy Saddler, dispôs de Terry Young, um bem cotado pugilista da referida categoria, por intervenção do árbitro ao 10.º rd., quando haviam decorrido trinta e sete segundos. O vencido estava em péssimas condições físicas, sangrando da boca e dos olhos.

♦ O negro Ike Williams, detentor do título mundial de «leves», foi considerado pela crítica como o mais eminente pugilista do ano de 1948.

♦ Marcel Cerdan, recenhegado a Paris, de regresso a Casablanca, onde passará o Natal e Ano Novo, declarou que reaparecerá ao público americano no próximo dia 4 de Março, contra um adversário a designar, entre Bert Lytell, Jake La Motta e Graziano.

## Na Austrália

André Famechon, irmão de Raymond, estreou-se em Melbourne (Austrália) contra o jogador local Archie Kemp, saindo batido por pontos depois de 12 assaltos.

da *visão desportiva*  
**POR ESSE MUNDO FORA**

## NOTA DA SEMANA

**A** época festiva que neste momento se atravessa não é um período muito agradável para certas aves de capoeira, nomeadamente os famosos perús, que em regra perdem a plumagem e as arrogâncias no alugar da cozinheira.

Mais felizes que eles são os faustosos pavões, parentes ricos dos primeiros, mas, ainda assim, sucedem-lhes um ou outro dissaborito, entre o Natal e o Ano Novo, quanto mais não seja para compensar as injustiças do Destino.

Agora, precisamente, dois ilustres galináctos da capoeira do coq gaullois, mui conhecidos entre os maiores do futebol internacional, liberam azedos amargos de boca, por causa da paternidade ignorada da Toça do Mando, mais conhecida, também, por Toça Jules Rimel.

Uma folha parisiense, reputada pela seriedade das suas informações, deu notícia de que o inventor da famosa competição desportiva, marcada para o ano de 1950, no Rio de Janeiro, era o actual secretário da Federação Francesa de Futebol, sr. Henri Delannoy. Disse-o, e o nomeado não o negou, nem desmentiu, conforme se esperava.

O silêncio de Mr. Delannoy, mais do que uma frouxa negatina, causa grande espanto e, com justificada lógica, o sr. Jules Rimel quis ver na atitude do colega um processo fácil de descobrir pequenos segredos de bastidores.

Para toda a gente, a criação da Coupe du Monde saíra do cérebro do veterano dirigente, que aceitou de bom grado essa paternidade, agora reduzida à mera expressão de valor nominal.

Entre os dois categorizados dirigentes surgiu um mal-estar compreensível, evitando cumprimentarem-se quando as circunstâncias determinam o seu encontro.

Tudo leva a crer que, até à data do campeonato do Rio de Janeiro, os dois veteranos do futebol se reconciliem. Mas a verdade é que as suas vaidades sangram agora, copiosamente, e dão pasto a comentários mordazes de determinados sectores da imprensa parisiense.

No fim de contas, os pavões e os perús desportivos medram em todas as latitudes e longitudes e não apenas na capoeira do galo francês.

**N**A Itália, entre ciclistas, construtores de máquinas e os dirigentes da União Velocipédica Italiana lava enorme desentendimento, designado pelos jornalistas como o escândalo do dia.

O popular desporto da bicicleta encontra-se a dois passos de um autêntico cisma, ou separação litigiosa dos seus principais animadores. Fala-se, mesmo, que o afamado Gino Bartali é o chefe da oposição, reunindo os dissidentes do Norte de Itália, para apresentar, com o ex-vice-presidente D'Ortoni, um ultimato aos novos corpos gerentes da UVI, na primeira assembleia marcada para Roma.

A iminência do gesto revolucionário é considerada de graves consequências. Diz-se que, na hipótese de serem desatendidos os desejos da oposição, esta tenciona fundar novo organismo federativo, que se filiaria na União Ciclista Internacional.

No fim e ao cabo trata-se de pôr fora o actual presidente, Mr. Rodoni, recentemente reeleito, a quem acusam de desbaratar, durante a gerência de 1948, cinquenta e sete milhões de liras das quais, quarenta milhões, na representação olímpica e nos campeonatos do Mundo, de profissionais, que foram dois fracassos rotundos para as cores italianas.

Com efeito, a única vitória importante dos velocipedistas italianos extra-fronteiras, foi a de Gino Bartali, na Volta à França. Este triunfo apenas custou 400.000 liras à UVI.

O afamado corredor, em Nápoles, conseguiu conhecer alguns delegados provinciais de que as eleições de que saiu a re-eleição do Signor Rodoni, não mereciam ser acolhidas por carência de quorum e maioria, porquanto os delegados do Norte do País tinham abandonado ostensivamente o Congresso.

Como estão vendo os leitores a coisa promete. Queremos dizer que o conflito possui todas as condições para produzir um demorado espectáculo. Que isto de contas, entendemos ser obrigação moral de todos os organismos desportivos apresentá-las, para serem apreciadas pelos seus filiados e não somente pelas entidades supremas.

Seria cómodo e simples não ter o menor gesto de condescendência para os seus filiados, o que equivale a passar um atestado de «escravos» aos principais elementos que justificam a existência das próprias federações.

Evidentemente.

Rafael Barradas

## Gil Dodds, profissional

O famoso atleta norte-americano Gil Dodds, denominado «monge voador», que não concorreu aos últimos Jogos Olímpicos por motivo de doença, exerce agora a profissão de director de cultura física no Colégio de Weaton, abandonando em definitivo o amadorismo.

# TENIS

## Rich Gonzalez, o primeiro

A Federação Nacional de Tenis, dos Estados Unidos, designou o jovem desportista californiano, Richard Gonzalez, de dezasseis anos, como o tenista número um do ano de 1948.

Em seguida, classificaram-se: Ted Schoeder, Frank Parker, Billy Talbert e Bob Falkenburg, vencedor do Torneio de Wimbledon.

# FUTEBOL

## Internacional

Na cidade do Cairo (Egito) de-frontaram-se, no dia de Natal, as seleções da Noruega e do Egito. No fim do desafio registou-se um empate a 1 bola.

♦ Em Barcelona, no campo de Las Cortes, o F. C. Barcelona venceu o campeão da Dinamarca (1947-48), Akdamisk Boldklub, por 2 bolas a 1.

♦ No Estádio de Colombes (Paris), o Atlético de Madrid enfrentou o Stade Français, retribuído a visita que este há poucas semanas lhe fizera. Domingo e Ben Barek alinharam pelos «colchoceros» contra o seu antigo clube.

Depois de uma exibição excelente os visitantes triunfaram por 2-0.

♦ Na Suíça efectuou-se a 13.ª jornada do Campeonato Nacional. Na frente, com 21 pts., vai o Lugano, seguido pelo Servette (17), Basileia (15), Zurique, Chauch-Fonds, Bellinzona, Bienne, todos com 14 pontos. A segunda volta principiará no mês de Janeiro.

♦ Após a 19.ª jornada do Campeonato Nacional de França, a classificação dos clubes é a que a seguir mencionamos: 1.º Racing, de Paris e Marselha (26 pts.); Lille e Rennes (25), Reims e Saint Etienne (23), Nice (20), Sochaux e Colmar (19), Toulouse) Sète e Montpellier (17), Estrasburgo, Metz e Roubaix (15), Cannes (14), Nancy e Stade F.-Red Star (13).

**Almanaque dos Desportos**  
**Encontra-se à venda**  
na Administração da «Stadium»

Stadium

# MASSANO

## valeroso jogador de «O ELVAS»

(Continuação da pág. 5)

«No entanto, como uma das minhas maiores preocupações é marcar golos, não faço grande questão, quando jogo fora do meu lugar. Posso dizer-lhe, por vir a propósito, que procuro obter golos, com toques subtils, não deixando de apreciar aqueles que são alcançados com pontapés potentes, atirados de longe... Estes, mesmo, são mais espectaculosos e agradam mais ao público.

Procurámos conhecer as preferências de Massano:

— Qual a equipa que mais deseja vencer?

A resposta vem prontamente: — Sem dúvida, o Benfica, porque se trata de um clube que continua a ser a maior organização desportiva de Portugal. Por isso, vencer o «steam» do Benfica, é sempre uma proeza que todos os jogadores registam com agrado...

«Não deve estranhar que eu considere a vitória da última época no Campo Grande, como a mais agradável recordação da minha vida desportiva. Por contraste, recordo o jogo que perdemos com o Farnalhão, no Estádio Nacional, há dois anos, a contar para a Taça

de Portugal. Nessa altura, o azar perseguiu-nos de tal forma que os nossos esforços não chegaram para mudar a feição da partida...

O nosso entrevistado fala-nos, depois, dos adversários que mais dificultam a sua missão, afirmando-nos que o veterano Grazina, do Olhanense, ainda é um caso muito sério...

Massano justifica a sua afirmação:

— Como está sempre bem colocado, parece-me que só o vejo a ele no terreno... E, então, se não me entregam a bola, rente ao solo, as minhas dificuldades aumentam...

«Azevedo, entre os guarda-redos, também me impressiona bastante, quando o vejo pela frente; no entanto, já o bati várias vezes...

A conversa prossegue, tocando diversos assuntos, todos de interesse para a entrevista. Assim, soubemos que Massano não está agora em forma apurado, facto que não o entristece porque já é habitual nele.

Ele próprio o diz:

— Regra geral, só com a marcha do campeonato vou conquistando as possibilidades de que

necessito para poder dar o meu melhor rendimento. Mas, sinto que o «bom período» está a surgir.

— Espera então ser «internacional» esta época?

— Sim. Basta que perceba que o meu nome não é esquecido... Gostaria de ter alinhado ao lado do meu companheiro Patalino, no França-Portugal, em Bordeus. Pode ser, no entanto, que o momento chegue, quando eu menos o espere...

Sobre os colegas:

— Entre todos os jogadores existe uma excelente camaradagem — segredo de muitos dos nossos triunfos. Perdemos aquele receio próprio das equipas menos bem apetrechadas e, hoje, lutamos com o mesmo ávontade, quere se trate de um «steam» categorizado ou de outro com menos possibilidades.

«Quanto à prova em curso, deve considerar-se que tivemos menos um jogo em «casa» do que as restantes equipas, mas, mesmo assim, ainda espero que «O Elvas» alcance uma boa classificação.

Manuel Massano, solicitado para isso, diz-nos a sua opinião sobre o profissionalismo:

— É necessário que o jogador conheça a sua verdadeira posição, dentro da orgânica do futebol. A situação actual é que não se compreende, tornando-se urgente resolver a situação dos atletas perante os seus clubes.

Fazemos mais uma pergunta — a última desta entrevista:

— Recorda-se de alguma história curiosa, passada na sua vida de jogador?

Massano, que antes nos esclarecera ter uma simpatia especial pelo extraordinário Pinga «o maior jogador português de todos os tempos», acede, com prazer, ao nosso pedido:

— Há dois anos, num jogo com o Vitória de Setúbal, no nosso campo, fiquei fortemente magoado, num choque com um adversário e saí do rectângulo em braços, estando o resultado em 1-1. Embora muito cambalido, voltei vinte minutos depois, para extremo-direito, «para fazer número».

«Estive «distante» do jogo, sem a noção do que fazia. Calcule, pois, a minha surpresa, quando cheguei ao balneário e, debaixo do «duche», qu me «acordara», finalmente, eu fui vivamente felicitado pelos meus companheiros, por uns derradeiros momentos de partida ter obtido um gol formidável, que nos dera a vitória!...

Perante a nossa surpresa, Massano concluiu:

— Não me sabia autor de tal proeza alcançada, segundo eles me disseram, em resultado de uma jogada impetuosa, absolutamente fora das minhas características habituais...

Monteiro Poças

## RADIOS Sem Fiodor A prestações

FATOS, GALBARDINES, SOBRETUDOS, CALÇADO, ETC., ETC.

Telefone 6 4686

Rua de S. Francisco de Borja, 18, r/c., dto. (às Janelas Verdes)

LISBOA

## A expansão internacional do desporto português

**Q**UEM siga dia a dia a evolução da actividade desportiva portuguesa, notando embora a sua evolução progressiva, porque essa evolução se faz em ritmo regular, não se apercebe da profundidade atingida. Mas quem ponha em confronto o panorama actual com o quadro de há uma quinzena de anos atrás, lerá em evidência todo o valor da expansão atingida, que melhor se concretiza no plano da internacionalização que abrange hoje a maioria das modalidades desportivas portuguesas.

As representações nacionais concorrem regularmente aos grandes torneios, campeonatos mundiais ou europeus, organizados no estrangeiro; e à quem fronteiras, em curto espaço de tempo, decorreram os campeonatos do Mundo de Oquei em Patins e de Esgrima, o congresso da Federação de Ginástica Ling, anunciando-se a nossa candidatura para os próximos torneios internacionais de andebol e de voleibol.

Por esta forma, quere pelo brioso comportamento dos nossos representantes, quere pela perfeição das nossas organizações a afável hospitalidade, o desporto português está contribuindo eficaz e poderosamente para a campanha de prestígio e de propaganda que em todas as esferas sociais se desenvolve, pondo em foco o nome de Portugal.

São factos que basta apresentar; é inútil argumentar sobre eles e devemos reconhecer que a sua realidade dependeu e dependerá da interferência patrocinante do Estado, pelos seus organismos competentes. As federações são pobres, vivem em instável equilíbrio e, no entanto, assumem e cumprem nas ocasiões próprias pesadas responsabilidades.

O problema do auxílio dos Poderes Públicos à organização desportiva de utilidade pública tem ainda um aspecto para solucionar: o dos títulos regulares que permitem aos organismos indigentes — porque os há — viver dia a dia em ambiente normal e realizar sem embaraços a sua missão. Tudo virá a seu tempo, estamos certos; mas desde já temos que reconhecer quanto se fez e que nunca se teria feito com o desporto abandonado aos seus próprios recursos.

assinem a STADIUM

Stadium

## PATINS INGLESES

os mais populares

## E ACESSÓRIOS

## PARA BICICLETAS

Representantes

F. H. D'OLIVEIRA & C. A. L. DA

LISBOA — C. Marquês de Abrantes, 52 — Telefone 6 0113  
PORTO — Rua do Almada 243 a 245 — Telefone 2 4208

## O SPORTING

PÓS EM DIA O SEU JOGO COM O ATLÉTICO VENCENDO POR 5-1 NUM DESAFIO QUE CHEGOU A SER-LHE DIFÍCIL

A «jornada incompleta» — continua incompleta... No Dia de Natal — lindo dia ele foi 1... — jogaram no estádio «Alvalade» Sporting e Atlético. Era um dos desafios em estranho. Só hoje se realiza o Olhanense-Benfica, em Olhão. Mas o tempo já deve ser diferente...

Os «leões» venceram, 5-1, eis o resultado significativo, mas que ilude quem não tenha visto a partida. Claro que o Sporting venceu bem, com merecimento, como a melhor equipa de momento. Mas passou dificuldades. Mais, talvez, do que contava e que serviram para, até certo ponto, valorizar o desafio.

O Atlético marcou primeiro. Um golo que começou num deslize da defesa e terminou numa inelástica de Azevedo, pregado ao terreno. Mas um golo, sem dúvida. Não premiava melhor trabalho dos alcantarenenses ainda que fosse justa compensação dos seus abnegados esforços. Defesa e ataque e médios — todos em luta de princípio a fim. Luta aqui e além mais «expressiva», mas vigorosa... Mas luta. Os «leões», também aqui e além; só, com lalvos da sua forma actual mais apurada. Criando situações frequentes de golo, e perdendo-as sistematicamente. Albano, lesionado, não era o Albano dos grandes dias. E, no Atlético, Armando Carneiro e José Lopes davam ordenação à equipa, lançavam o «team» numa falha de ataque, queimada pela defesa sportinguista em sucessivas jogadas de choque, com evidência, que já vai sendo habitual, para esse esforçadíssimo e generoso Juvenil.

O 1-0 ao intervalo não era lisonjeiro para os «leões». Era lisonjeiro para os visitantes. Assim mesmo. Todavia, gostámos de ver o Atlético nesse período. Mas notámos que, para o final, a equipa acusava cansaço... Começava a empalidecer a sua estrelal Armindo Costa fez o resto. Fez um gesto «feliz» — uma carga violenta, género agressão a Vasques — e sofreu o único castigo que a sua irreflectida atitude merecia. O Atlético ficou então com 10 unidades. E os acontecimentos precipitaram-se na segunda parte. Vasques, para tirar a desforra, marcou um excelente primeiro golo do Sporting, fiando aberto o caminho para outros. E o Atlético veio a perder folgadoamente um desafio — que poderia, quem sabe ganhar até...

É sempre assim. Os gestos irreflectidos dos jogadores que não sabem dominar os nervos acabam por se reflectir nos «teams», anulando, quantas vezes — e esta foi uma delas — o esforço dos companheiros. Elementos destes são perniciosos em qualquer clube. E ainda os há!

Na segunda parte, repetimos, os acontecimentos precipitaram-se. Um golo, dois, três — até a conta da meia dezena. Ficaram por marcar alguns outros e tardou ao Sporting a encontrar o terceiro tento. O tento tranquilizador. Porque, até aí, a leve vantagem de uma bola parecia insuficiente. Certo é que o Sporting afirmava superioridade em todos os sectores, principalmente na execução e na melhor condição física — não obstante os sucessivos e desgastadores esforços a que o «team» tem sido submetido...

Mas só tinha uma bola à maior e o Atlético, dominado, não se remedia à defesa. Lá estava Armando Carneiro a impulsionar os companheiros da linha dianteira, a ir ele próprio até à zona de remate. E um golo faz-se, quantas vezes, num abrir e fechar de olhos, num lance infeliz



ou numa jogada de inspiração de um avançado.

De modo que só a partir da terceira bola o Sporting ganhou confiança. Passou, então, a jogar à vontade. Marcou mais dois tentos — e podia ter ido muito além... Na parte final houve superioridade evidente dos «leões». A equipa estava lançada ao ataque, com firmeza, mas com uma unidade praticamente a menos: Albano. Vítima de uma distensão na coxa, o extremo esquerdo leonino figura de corpo presente, estragava por manifesta impossibilidade física muitos lances que, noutras circunstâncias, teria aproveitado.

A Ala direita Vasques e Jesus Correia esteve em evidência. Assim também Canário, Mateus e Juvenil, este um defesa a «crescer» dia a dia, a ganhar confiança e a mostrar-se digno dela.

Um Atlético com Armando Carneiro em forma verdadeiramente excepcional. Um Martinho azougado no ataque, mas sem poder físico. Um José Lopes consciencioso. Um todo que Armindo Costa «esfrangalhou». Nas redes Correia inferioriza-se sempre perante o ataque dos «leões». Um complexo de inferioridade que pode ser-lhe muito prejudicial.

Manuel Mota



Alguns aspectos do jogo Sporting-Atlético: 1 — Defesa de Azevedo a soco; 2 — Os alcantarenenses estão ao ataque, sob as vistas de Moreira; 3 — Correia está em posição curiosa, e o vulto de Peyroteo agiganta-se... 4 — Correia estava batido, mas Baptista salva o lance.



## DESPORTO E BENEFICÊNCIA

## O BAIRRO DE INGLATERRA ATLÉTICO CLUBE, lembrou-se dos pobres

A colectividade é pobre, vivendo na sua condição simpática de clube popular, bairrista, lutando por um ideal onde, a par dos seus propósitos de praticarem o desporto, encontram ânimo entusiástico para a prática do bem.

E assim, depois das suas comparências nas competições desportivas, os dirigentes e atletas do Bairro de Inglaterra A. C., pensam nos pobres — eles que também têm tão pouco! No dia de Natal — até onde puderam ir as suas posses de clube modesto — escolheram 20 crianças pobresitas e vestiram-nas oferecendo-lhe um lanche e um brinquedo e distribuíram um bodo a 50 pobres, também do bairro onde vive o seu clube.

Belo exemplo de solidariedade, cuja acção está perfeitamente de acordo com a pureza de ideias que nos dita a vida aã do desporto.

